

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE ESUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VINÍCIUS DE OLIVEIRA FIGUEREDO

**NARRATIVAS E FRAGMENTOS DO FUTEBOL FEMININO NA  
PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO**

VITÓRIA

2021

VINÍCIUS DE OLIVEIRA FIGUEREDO

**NARRATIVAS E FRAGMENTOS DO FUTEBOL FEMININO NA  
PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Dr. José Luiz dos Anjos

VITÓRIA

2021

# **NARRATIVAS E FRAGMENTOS DO FUTEBOL FEMININO NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Vinícius de Oliveira Figueredo  
Dr. José Luiz dos Anjos (Orientador)

## **RESUMO**

Este estudo tem por objetivo realizar uma análise do estado da produção científica acerca do futebol feminino na Revista Movimento nos últimos dez anos (2010-2020). Foram analisados cinco artigos, selecionados a partir de conceitos relacionados à “preconceito”, “normas de gênero”, “empoderamento feminino”, “permissibilidade”, “sexo frágil” e “corpo/estética”. Os artigos foram dimensionados numa tabela e organizados de acordo com o ano em que foram publicados pela revista. Após o processo de análise dos artigos escolhidos, fica evidente que praticamente todos contêm em sua discussão central elementos de identidade de gênero, mostrando como o futebol feminino é um cenário esportivo marcado por preconceitos e desafios.

**Palavras-chave:** Futebol feminino; Gênero; Corpo;

## **INTRODUÇÃO: caminhos que se abriram e continuam**

Textualmente utilizaremos da denominação de futebol feminino, embora futebol de mulheres seja pertinente a discussão deste estudo. Ao tratarmos de futebol feminino, estamos seguindo uma linha de denominação atribuída pelas instituições burocráticas que organizam esse esporte. Queríamos tão somente falar de futebol, pois entendemos que quando adjetivamos uma modalidade esportiva de feminina ou de masculina estamos falando de representações hierarquicamente inferiores ou superiores, reforçando as fronteiras existentes, dada a lógica e a expectativa da performance. Se dissermos que o atletismo brasileiro possui 15 medalhas olímpicas não ponderamos divisão de gênero, logo se

dissermos que o futebol detém 5 Copas do Mundo de Futebol, com certeza que a representação está exposta.

O futebol é um esporte popular no Brasil, mas ainda é marcado pelas diferenças de gênero quando se trata da participação feminina. Embora, atualmente, o número de mulheres que ingressam na modalidade tem aumentado, as atletas ainda sofrem com preconceitos e desafios relacionados aos padrões e modelos voltados à construção de estereótipos ligados ao corpo e a sexualidade. (BARRERA; GONÇALVES; MEDEIROS; GALATTI, 2018)

A temática futebol feminino tem sido discutida por autores que trazem em seus estudos múltiplas abordagens e vem crescendo em publicações, tanto no contexto brasileiro, como nos espaços de discussões acadêmicas nas comunidades sul-americanas. Viana (2008), por exemplo, realizou um estudo com o objetivo de analisar a construção cultural do corpo feminino e verificar os preconceitos relacionados às questões de gênero quanto à prática do futebol feminino no Brasil. Feltrin et al. (2012) realizaram uma pesquisa com o objetivo de quantificar o total de estudos na literatura brasileira que buscaram investigar e caracterizar as praticantes de futebol feminino do país, no âmbito da Fisiologia, Bioquímica e Biomecânica. Teixeira e Caminha (2013) examinaram a existência do preconceito de gênero no futebol feminino à luz da literatura científica e discutiram os fatos socioculturais que os fundamentam. Salvini et al. (2014) apresentaram um mapeamento de teses e dissertações sobre o futebol feminino entre os anos de 1990 e 2010, encontrando ao final do estudo, uma aproximação entre os campos esportivo e acadêmico.

É bom frisar que a cada momento somos brindados com obras como *Futbolera: a history of women and sports in Latin America*, de Brenda e

Elsley e Nadel (2019). As autoras, de forma original e aprofundada mergulham nas sucessões que revelam a inserção das mulheres no futebol, temática omitida, ou “esquecida” de forma reiterada a partir de 1920, no Brasil e no contexto geográfico Latino-americano. Elsley e Joshua descortinam a tortuosa luta pelo direito à participação das mulheres no interior de um universo hegemônico pelos homens, onde, não raro, grassou o discurso másculo e prepotente da virilidade.

Outra obra que vale destacar é o livro “O futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas”, de Martins e Wenez (2020). Com o objetivo de fomentar a discussão crítica sobre as experiências relacionadas à presença de mulheres no futebol e compreendendo, ainda, o cenário brasileiro, o livro trata dos desafios da profissionalização do futebol de mulheres no Brasil e da resistência das atletas, treinadoras, gestoras e torcedoras, mulheres que habitam e negociam cotidianamente com as interdições e barreiras colocadas para esse esporte.

Por fim, um estudo atual que também merece destaque é o artigo “As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil”, de Martins, Silva, Vasquez (2021), que analisaram, com base em estatística descritiva e inferencial, o suplemento especial sobre esporte da PNAD de 2015. Assim, descreveram o perfil das mulheres que jogam futebol no Brasil contemporâneo e o compararam em relação aos homens e às demais mulheres que praticam esportes diferentes do futebol. A partir dos resultados, os (as) autores (as) concluíram que, em comparação ao que ocorre com mulheres que praticam esporte em geral, classe e raça impactam de forma oposta na adesão ao futebol.

Embora todos esses estudos citados acima sejam bastante relevantes para o conhecimento da temática do futebol feminino, ainda não é possível

identificar questões como: qual o comportamento das publicações nos últimos anos e quais os principais assuntos investigados?

Portanto, este estudo tem como objetivo realizar uma análise do estado da produção científica acerca do futebol feminino com o propósito de mapear e discutir a fronteira do conhecimento sobre este tema e sugerir propostas para novos estudos.

### **Método adotado: debutando na pesquisa**

Para analisar o atual momento, objetivei, então, identificar o estado da arte de estudos relacionados ao futebol feminino na Revista Movimento. O motivo pela escolha da Revista Movimento como local de pesquisa, deve-se ao fato dela ser uma revista com grande relevância e destaque no campo acadêmico-científico. A revista Movimento surgiu em setembro de 1994 e é uma publicação de acesso aberto da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que tem por objetivo divulgar a produção científica nacional e internacional, sobre temas relacionados à Educação Física, no que tange aos seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais. (MOVIMENTO, 2020)

Nessa perspectiva, o periódico recebe, avalia e publica manuscritos que problematizem os fenômenos e os temas investigados, tendo como fundamentos teóricos, metodológicos, analíticos e interpretativos aqueles oriundos das Ciências Humanas e Sociais. A revista recebe em torno de 400 artigos por ano e publica 60. Está classificada no extrato A2 pelo Qualis Capes (2013-2016), uma categorização que a coloca entre os melhores periódicos da área acadêmica da Educação Física no Brasil.

Na busca para realizar a análise da produção científica a respeito do futebol feminino nesta revista foi feito um levantamento de todos os artigos publicados a partir de 2010 até a data da última coleta de dados, realizada em novembro de 2020 utilizando as palavras-chave “futebol feminino”, “gênero” e “mulher no futebol”. Não fizemos distinção entre futebol e futsal, embora a discussão se pautou no futebol realizado nos espaços de relvados descobertos. O motivo desse recorte temporal é pelo fato de não encontrarmos estudos que realizaram esse tipo de análise de 2010 a 2020.

Os artigos foram selecionados a partir de conceitos relacionados à “preconceito”, “normas de gênero”, “empoderamento feminino”, “permissibilidade”, “sexo frágil” e “corpo/estética”. Foram encontrados seis artigos, porém um deles foi descartado por se tratar apenas sobre lesão no desporto feminino, não dialogando com as temáticas dos demais artigos. A partir daí destaquei cinco artigos, sendo dois publicados em 2013, um em 2017, 2018 e 2020. No interior dos artigos, observei que os conceitos mais destacados estão relacionados a gênero, corpo/estética e feminilidade.

Para dimensionar os cinco artigos organizei-os por ano de publicação, conforme o Quadro I. No processo de análise, faço uma apresentação dos artigos e discutiremos o conceito identificado na leitura dos textos.

**Quadro I:** Denominação e informações dos artigos encontrados na Revista Movimento de 2010 a 2020.

TÍTULO	AUTORES	ORIGEM	CONCEITOS	ANO	METODOLOGIA DA PESQUISA
Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990	SALVINI, L.; MARCHI JR, W.	Universidade Federal do Paraná UFPR	Permissibilidade, habilidade e feminilidade	2013	Pesquisa documental

Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática	TEIXEIRA, F. L. S., CAMINHA, I. O.	Universidade Federal de Pernambuco UFPE	Gênero, sexo frágil, corpo/estética	2013	Pesquisa bibliográfica/documental
Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades	SOUZA, M. T. O.; CAPRARO, A. M.; SILVA, M. M.	Universidade Federal do Paraná	Normas de gênero, corpo/estética	2017	Análise do discurso
Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da Educação Física	BARREIRA, J.; GONÇALVES, M. C. R.; MEDEIROS, D. C. C; GALATTI, L. R.	Universidade Estadual de Campinas	Gênero	2018	Pesquisa documental
Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem	PASSERO, J. G.; BARREIRA, J.; TAMASHIRO, L.; SCAGLIA, A. J.; GALATTI, L. R.	Universidade Estadual de Campinas	Empoderamento feminino, gênero	2020	Pesquisa documental

Fonte: Elaborado pelos autores.

## CONTEÚDO E DISCUSSÃO DOS ARTIGOS: o que revelam

O artigo “Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990”, publicado pelos autores Marchi Júnior e Salvini (2013), tem por objetivo, como o próprio tema já diz, apresentar a história do futebol feminino relatada pela Revista Placar entre os anos de 1980 e 1990.

Os (as) autores (as) observaram que ao longo dessa década foram vinculadas à revista três principais informações sobre o futebol feminino, sendo elas: permissibilidade da prática do futebol pelo público feminino; a habilidade feminina para jogar futebol, frisando principalmente o surgimento do Esporte Clube Radar; e um tema que permeia os elementos

anteriores e é recorrente nessa fase da revista, são as matérias que exaltam as características da feminilidade normativa nas jogadoras de futebol.

Na questão da permissibilidade, por volta do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a Revista Placar por meio de uma parte dedicada à opinião dos leitores, recebia alguns comentários de mulheres simpatizantes ou praticantes de esportes apontados como “não femininos”. Os comentários eram sempre com questões relacionadas à proibição da prática do futebol, pois ainda existia o paradigma de que o lugar da mulher era em casa cuidando dos filhos, como é mostrado em um trecho extraído da revista Placar de 05/09/1980:

“Aqui no Brasil ainda acham que lugar de mulher é na casa, cuidando dos filhos. Mas estamos em 1980! Não acham que está na hora de se montar um campeonato feminino? Sugiro, portanto, que Placar faça uma campanha em defesa do futebol feminino, mostrando que a mulher sabe gingar com o pé na bola. ” (Kátia Maria Fernandes, São Paulo, SP, p. 66.)

A revista então promoveu uma discussão sobre o futebol feminino estimulando a participação de muitas mulheres que ergueram suas bandeiras em defesa da feminilidade e sexualidade das futebolistas.

A questão da permissibilidade e da interdição da mulher praticar futebol, não é recente. Rigo (2008), traz essa discussão ao abordar o futebol feminino da cidade de Pelotas (RS) na década dos anos de 1950. Época em que o futebol feminino no estado se mostrava em ascensão, pois além do aumento do número de equipes, havia conquistado a simpatia do público e ocupado um espaço significativo na imprensa. Entretanto, o Conselho

Nacional de Desportos (CND) entrou em cena cobrando que fosse cumprido o decreto-lei em vigor, que proibia jogos de futebol feminino em todo o país, com a justificativa de que “aquele esporte não combinava com a formação física do belo sexo”.<sup>1</sup>

Este decreto foi estabelecido pelo então presidente Vargas e vigente até 1983. Durante todo esse tempo, o decreto proibiu, dentre os esportes considerados masculinos, a prática do futebol feminino no Brasil.

Para entender como essa proibição foi possível, a historiadora Silva (2015) estudou o caso em seu mestrado, recorrendo a documentos e jornais da época. Com sua pesquisa, ela quer ressaltar que, mesmo com a proibição do esporte no Brasil, as mulheres nunca pararam de jogar futebol. Seja em eventos de caridade ou na várzea, elas sempre desafiavam a tensão entre a “essência feminina” idealizada pela Era Vargas e a reafirmação da masculinidade presente nos jogos. A historiadora escreve:

“A resistência do Estado, muitas vezes, era o menor obstáculo que elas encontravam para poder jogar futebol. Os olhares e comentários repressores recebidos das famílias, amigos e companheiros (as) podiam pesar-lhes muito mais do que qualquer resolução de órgãos estatais” (SILVA, 2015, p. 21).

O que promoveu uma maior divulgação de matérias a respeito do futebol feminino foi a popularização da modalidade e principalmente a

---

<sup>1</sup> O decreto-lei 3.199, de 14 de abril de 1941, dizia: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

fundação e desempenho da equipe Esporte Clube Radar, que em 1981, criou uma equipe feminina. Primordialmente a equipe jogava nas quadras, em seguida na areia e posteriormente no campo, onde obteve maior sucesso e foi considerado o mais importante clube de futebol feminino.

Na visão dos (das) autores (as), a revista tardou em divulgar o futebol feminino, e quando fez, associou a figura da futebolista à feminilidade por meio de fotografias, como por exemplo, numa publicação em que a capa de uma matéria era uma jogadora que trajava a camisa de seu time e uma calcinha.<sup>2</sup>

Boschilia e Meurer (2006) mostram algo parecido numa matéria da mídia impressa em seu trabalho, "A beleza no futebol: um trio feminino vai abrilhantar o jogo. É bom, afinal, veremos uma plasticidade diferente do habitual, onde a lisura das pernas femininas se misturará as cabeludas e musculosas coxas". A partir dessa passagem, percebe-se que a maior parte do público que consome o esporte é constituído por homens. Ciente disso, o autor do jornal enfatiza características tidas socialmente como femininas. Para nós que analisamos esses discursos midiáticos, não vemos ponderações nas comparações de competências, mas permanece apenas no âmbito da estética corporal, o que faz destituir a ocupação desse espaço do futebol pelo público feminino, nesse caso, a arbitragem, não credenciando ou associando à qualidade de quem é capaz de apreciar e resolver determinadas tarefas, num espaço, ocupado historicamente pelo coletivo masculino.

---

<sup>2</sup> É oportuno enfatizar que no início dos anos de 1980, a Educação Física brasileira, (ainda) não promovia e não reconhecia o esporte como espaços de disputas políticas, sociais e de gênero entre outros fenômenos culturais. A EF brasileira passou a debater o esporte como campo/espaço de disputa na metade dos anos de 1980, reconhecendo que os objetos de intervenção desta é um campo de pressões antagonizantes (ANJOS, 1999).

Goellner (2000) discute o conceito de feminilidade em seu texto acerca da Educação Física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40:

“Feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso do seu corpo. A postura, a voz, o rosto, os músculos, o modo de vestir, de gesticular e exercitar sua sexualidade são sujeitos à vigilâncias e inibições que são internalizadas a partir de uma submissão ao "outro". Sendo este "outro" abstrato, coletivo e socialmente imposto” (GOELLNER, 2000, p. 62).

Contudo, ao final do artigo, é possível concluir que essa década, na qual houve a permissão documentada da prática do futebol feminino, foi marcada pela existência do Esporte Clube Radar. Acompanhado desse acontecimento também é evidente o anseio em veicular o futebol feminino sempre associado ao ser feminino enquanto construção social de gênero pautado na sexualidade, mesmo que de forma discreta ou disfarçada através de fotos sensuais.

O artigo, “Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática”, de Teixeira e Caminha (2013), estuda e constrói um quadro teórico do futebol feminino. Os autores percebem que as manifestações de preconceitos têm raízes culturais e históricas e que as condutas sexistas no esporte são reflexos da nossa sociedade dividida em relação à gênero.

Knijnik e Souza (2007) em seus estudos sobre gênero e esporte, afirmam que a partir da década de 1970, o conceito de gênero vem sofrendo transformações e evoluções, e é definido de forma diferente por pensamentos diversos. Para Louro (1996) significa se opor a biologização

das identidades: enquanto sexo designa a caracterização anátomo-fisiológica dos seres humanos e, no máximo, a relação sexual propriamente dita, gênero se refere à construção social de sujeitos, a partir de suas identificações com símbolos femininos e masculinos.

Para Nicholson (2000) pode-se utilizar a palavra gênero de duas formas distintas e até mesmo contraditórias: “gênero” que descreve o que é socialmente construído, usado em oposição a “sexo”, que descreve o que é biologicamente dado; e “gênero” utilizado como referência a qualquer construção social relacionada a distinção feminino/masculino, inclusive as divisões que separam corpos “masculinos” de “femininos”.

Voltando a Teixeira e caminha, identifica-se que as formas de preconceito mais evidentes são a segregação, exclusão, o cerceamento da mulher em determinadas práticas esportivas consideradas femininas, limitação na escolha das práticas esportivas, erotização do corpo feminino e vigilância sobre a identidade de gênero das atletas.

Segundo os autores, as ideias de incapacidade e incompetência atlética feminina e o mito do sexo frágil é que fundamentam essas formas de preconceito. Além disso, o controle da aparência física da mulher também é apontado como justificativa que desencoraja a participação feminina no futebol.

Analisando os dois artigos até aqui, notei que essa questão da aparência física está presente em ambos. A mídia não se refere apenas à aparência da mulher, mas a espetacularização do corpo feminino, ressaltando alguns atributos como a beleza e a sensualidade. Assim, novamente surge a questão da feminilidade. Esse aspecto também foi trabalhado por Goellner (2005) em seu estudo na Revista Brasileira de Educação Física e Esportes:

“Se para as mulheres do início do século XX a beleza era vista como sinônimo de saúde e também de uma genitália adequada para cumprir suas funções reprodutivas, a partir dos anos 70, a esse discurso se incorporará outro: o da erotização de seus corpos.” (GOELLNER, 2005, p. 147).

Marchi (2006) também discute preconceito em seu estudo acerca do futebol feminino ao descrever e analisar relatos a respeito das dificuldades e motivações enfrentadas por jogadoras de futebol no Brasil:

“Ajustando nosso foco ao futebol feminino, incitamos que a noção de preconceito nesse esporte é uma temática recorrente que abrange desde preconceitos com relação ao gênero, que por sua vez, questionam, o preconceito “nos dá impressão de estar na ordem das coisas” quando se trata de futebol feminino brasileiro.” (MARCHI, 2006, p. 303).

Para finalizar, entendemos que o preconceito, seja de gênero ou pela falta de incentivo, caracteriza-se como violência simbólica, que de acordo com Bourdieu (1997):

“Consiste em uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em

que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la”. (BOURDIEU, 1997, p. 22).

Dessa forma, a necessidade de atrelar a jogadora de futebol aos atributos considerados normativos do gênero feminino, intenta alargar as fronteiras do consumo dessa modalidade. Contudo, nossa análise nos remete a entender que na realização dos objetivos de atleta se depara com barreiras na construção ou resultado final *de seu* corpo. Num primeiro momento, a preparação do corpo para o rendimento esportivo que, chegando aos picos de performance exige alto empenho nos treinamentos, não correspondendo ao corpo “desejado” pela mídia, permitindo criar e suscitar narrativas de vigilâncias de sua identidade.

Partindo agora para o artigo de Souza, Capraro, Silva (2017), - Habilidade e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades, nos deparamos com um trabalho tendo como objetivo identificar como se posicionam atletas de futebol feminino com uma longa vivência na modalidade e que então, em alguns aspectos, desrespeitaram normas de gênero. Neste estudo, a partir de entrevistas realizadas com duas ex-atletas da seleção brasileira principal, foi realizada uma análise das exposições das mesmas.

Os (as) autores (as) do estudo apontam que existem nas lembranças das atletas algumas marcas de pressões para uma adaptação as normas de gênero que aconteceram tanto de forma explícita e agressiva quanto de maneira escondida sobre os corpos das jogadoras de futebol.

Entretanto, em um determinado momento, uma das ex-atletas deixa transparecer que acredita ser necessário um cuidado com a aparência para melhorar a imagem do futebol feminino e considera uma “evolução” o fato

de ter reduzido muito o número, na atualidade, de atletas com características físicas próximas ao mundo masculino (FERRETI et al., 2011):

[...] hoje o futebol está muito mais evoluído do que antigamente, a mulher tem o cabelo comprido. E umas das minhas brigas em relação a isso é que toda vez que nós íamos dar entrevista, eu tinha que estar linda, eu tinha que estar arrumada, eu tinha que estar perfeita nos programas de televisão, porque as pessoas queriam ver uma Marina que eu não era em campo. (apud, SOUZA; CAPRARO; SILVA, 2017).

A outra ex-atleta demonstrou um posicionamento parecido, quando questionada se sofreu preconceito durante a carreira, respondeu dando a entender que as atletas deveriam adequar suas imagens para que não sofressem preconceito:

Olha, eu não sofri porque eu sempre mantive a aparência que eu quis. Eu sempre tive cabelo comprido, eu sempre me vesti bem. Mas assim, eu tenho amigas que sofreram muito preconceito pelo fato de ter o cabelo curto, pelo fato de não se vestir bem, pelo fato de deixar decair a imagem. (apud, SOUZA; CAPRARO; SILVA, 2017).

David Le Breton (2006) problematiza essas imposições referentes ao corpo que se mostra à sociedade:

É conveniente que uma etiqueta corporal varie segundo o sexo do interlocutor, seu status, sua idade, o grau de parentesco, ou de familiaridade, o contexto da interação, etc. Toda conduta que escape à sua definição social é ameaçada pela inconveniência. Ela pode suscitar a vergonha daquele que toma consciência de ter rompido um quadro estabelecido, e o mal-estar daquele que é confrontado a esse afastamento (LE BRETON, 2011, p. 200).

No caso dos grupos femininos praticantes de futebol, que aderem ao uso de roupas largas, corte de cabelo curto e comportamento mais despojado e menos recatado, elas estão transgredindo importantes normas de gênero, por meio das quais se espera que elas sejam graciosas, delicadas e diferentes dos homens. Diferença que deveria ocorrer pelo modo de se vestir, pelo cabelo comprido e vistoso e, principalmente, por um comportamento condizente com seu sexo, pensando-se em padrões estabelecidos pelo universo masculino.

Em resumo, fica evidente que essas atletas, mesmo sendo contra as imposições e se sentindo prejudicadas por certas pressões exercidas, buscam se consolidar nos padrões que a sociedade diz que deveria ser seguido, já que elas mesmas defendem a ideia de que as jogadoras de futebol deveriam cuidar de suas aparências para assim haver uma maior aceitação das mulheres na modalidade. Sendo assim, esse posicionamento das atletas pode ser considerado como paradoxal, devido a contradição em suas falas. No entanto, isso também está relacionado à questão econômica, como por exemplo, patrocinadores que desejam ver seus produtos

associados a um corpo que expressa venustidade, graça e elegância. Até mesmo as próprias federações e clubes, que buscam sempre adequar os corpos e as imagens das atletas aos padrões de beleza desejados pela mídia.

Essa discussão em torno do corpo, estética e atitudes socioculturais, se relaciona com o que vimos abordando. Observamos uma busca pelo corpo perfeito esteticamente, havendo uma gama enorme de influências e interferências pelos meios de comunicação de massa, produzindo cada vez mais, conteúdos desta natureza, veiculando a importância que há em se mostrar sempre bela. Estudos realizados por Pirinen (1997) e Lenskyj (1998), *apud* Calabresi (2004) apontam para a pouca importância dada ao resultado da performance feminina. As imagens utilizadas para divulgar as atletas são esquematizadas de maneira que mostrassem seu lado sedutor, atendendo a manutenção do *status quo* da organização social, pautada no controle e vigilância do “feminino”. Isso demonstra que, mesmo que as mulheres estejam começando a ter maior espaço para mostrarem suas capacidades, nos mais variados âmbitos sociais, sua imagem continua associada a um objeto e a sensualidade, capaz de satisfazer aos anseios midiáticos, podemos então dizer que – “ela é uma atleta completa”, não refere a uma exímia heptatleta ou pentatleta, mas atende à estética da beleza corporal.<sup>3</sup>

Indo agora para o artigo dos autores Barreira, Gonçalves, Medeiros e Galatti (2017), “Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da Educação Física”, publicado em 2018, vemos um estudo com o objetivo de mapear a produção de artigos científicos nacionais sobre futebol e futsal feminino. Os 76 artigos encontrados foram delimitados em nove categorias:

---

<sup>3</sup> “Ela é uma atleta completa” refere a mídia dos EUA ao colocar a futebolista Christen Press (Utah Royals FC – USA), como a jogadora mais bonita da atualidade (2020).

Treinamento, Carreira Esportiva, Gênero, História, Psicologia, Sociologia, Mídia, Fisiologia e Literatura.

Os autores apontam que os resultados encontrados nessa pesquisa dialogam bastante com várias situações relacionadas as modalidades fora do campo científico, como por exemplo, escritoras de outras áreas se arriscando a dissertar sobre futebol. No final da década de 1990 é que foram publicados os primeiros estudos sobre o futebol e o futsal feminino.

Em 2008, houve um grande aumento da produção científica nacional. Nos anos 2000, devido a um bom rendimento nos Jogos Pan-Americanos (RJ) e na Copa do Mundo de Futebol Feminino ambos em 2007, também nos Jogos Olímpicos de 2004 e 2008, o futebol feminino ganhou uma maior visibilidade na mídia.

Essa década também marcou uma crescente discussão sobre gênero, esporte e Educação Física Escolar. Nesse período foi criado o principal veículo de publicação e divulgação de estudos nacionais ligados ao futebol e ao futsal feminino, a Revista Brasileira de Futsal e Futebol (RBFF).

O estudo supracitado (BARREIRA et al) apura que, aproximadamente, um terço de toda publicação relacionado ao futebol e o futsal feminino em periódicos nacionais de Educação Física, é representado pelos estudos de gênero, muito por causa dos preconceitos e desafios dentro do cenário esportivo, seguido por Fisiologia e História. Os temas menos encontrados nos artigos estudados foram carreira esportiva, sociologia e mídia.

A explicação para ser encontrado mais artigos na categoria de gênero é que o início dos anos de 1990, marcou um debate nesta área a respeito da divisão entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física (JACÓ; ALTMANN, 2017). Outro fator é o despreparo dos professores em

produzir conteúdos que permitam o aprendizado igualitário de meninas e meninos (UCHOGA; ALTMANN, 2016). Cabe a esses professores compreenderem as diferenças existentes entre os gêneros e respeitá-las, não as considerando como obstáculos no desenvolvimento de quaisquer que sejam as atividades. A partir daí que a categoria de gênero começou a ocupar os estudos da Educação Física Escolar, futebol e futsal.<sup>4</sup>

Por fim, o último artigo selecionado, “Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem” (2020), trata-se de um estudo cujo objetivo foi analisar a participação das mulheres nos cargos de comissão técnica e de arbitragem no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino desde a primeira edição da competição, em 2013, até o ano de 2019.

O estudo menciona que há muito tempo as mulheres enfrentam dificuldades em posições de liderança dentro do esporte e que a construção do papel social da mulher ao longo do século XX limitou o acesso das praticantes em certas modalidades esportivas, o que praticamente impediu a entrada e a ascensão dessas profissionais em cargos de liderança. Entre esses cargos estão o de gestão, comissão técnica e arbitragem. Além disso, quando atingem esses cargos de visibilidade, são repetidamente confrontadas em relação à sua capacidade de liderança, principalmente devido a associação à estrutura de poder na sociedade que segue a hierarquia de gênero.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Em 1995, ROMERO, E., publica um dos primeiros livros da Educação Física brasileira, com temáticas de gênero intitulado “Corpo, mulher e sociedade”, Ed. Papirus – SP.

<sup>5</sup> No Brasil, e se tratando das organizações desportivas pode ser apontado o mandato de Patrícia Amorim como presidente do CR Flamengo (RJ) no período de 2010 a 2012 e, atualmente, Michele Ramalho como presidente da Federação Paraibana de Futebol, desde 2018.

Também é evidenciado que existem poucos estudos sobre a participação da mulher em posições de visibilidade no futebol brasileiro e que pesquisam sobre as trajetórias das treinadoras, árbitras e auxiliares técnicas.

A partir dessa informação, fui a busca de dados atuais com o objetivo de identificar quantas mulheres atuam como árbitras no Campeonato Brasileiro na Série A e B, tanto na categoria masculina, quanto na feminina e quantas ocupam o cargo de presidente de Federações de Futebol.

Através do site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (2020), entidade máxima do futebol brasileiro, identifiquei que na categoria masculina apenas uma mulher ocupa o cargo de árbitra. Esta mulher é Edina Alves Batista. Até a sua estreia em 2019, fazia 14 anos que uma mulher não ocupava esse posto. Edina também pertence ao quadro de árbitros da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Na categoria de futebol feminino, 11 mulheres atuam como árbitras.

Em relação à arbitragem, conforme podemos ver no Campeonato Mundial de Clubes da FIFA de 2020, realizado no Catar, há um desenvolvimento nos últimos anos. Um jogo entre Al Duhail e Ulsan Hyundai FC foi apitado por um trio de arbitragem 100% feminino. Com destaque novamente para Edina Alves Batista, escolhida como árbitra central da partida. Foi a primeira vez que uma mulher apitou um jogo masculino profissional da FIFA, tornando assim um dia histórico para as mulheres no esporte.

Outro acontecimento histórico foi na partida entre Corinthians e Palmeiras válida pelo Campeonato Paulista de 2021. Pela primeira vez o dérbi foi comandado por uma mulher. Orgulhosa por suas conquistas e seu crescimento na profissão, Edina sonha que em breve possa existir um olhar

mais aberto sobre a arbitragem no futebol. “Está chegando a hora de nós, os árbitros, não sermos mais tratados por gênero, mas sim por capacidade. Tudo está indo por esse caminho agora”, disse no GZH Esportes. “A divisão por gênero tem de acabar. Tudo tem de ser pela competência”, afirmou no GZH Esportes.

Em relação ao número de mulheres em cargos de relevância nas federações, encontrei um levantamento feito pelo portal Metrôpoles (2019). O levantamento mostra que o esporte é dominado por homens: nos 128 times das quatro divisões nacionais, apenas seis mulheres ocupam funções de presidente, vice-presidente, diretora e gerente, ou seja, trabalhos com poder de decisão.

Além disso, de volta ao artigo estudado, os autores concluem que os homens ocupam predominantemente (85%) os cargos de comissão técnica no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. A maior inserção das mulheres (22%) foi encontrada no cargo de auxiliar técnica. Segundo os autores, se não houver rupturas no processo de aumento gradual e linear na participação das profissionais nos próximos anos, é possível que a igualdade numérica entre homens e mulheres em cargos de comissão técnica seja alcançada a partir do ano de 2030. As mulheres apresentam uma maior inserção e uma relativa estabilidade no cargo de árbitra assistente (59%). Foi verificada uma baixa participação das mulheres como quarta árbitra (22%) e uma diminuição dessa participação ao longo das edições.

É bem nítido que a participação de mulheres nos cargos de comissão técnica e de arbitragem no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino aumentou vagarosamente nos últimos anos, mas a situação permanece em desigualdade.

Se meninas e mulheres conquistaram espaço como praticantes de futebol, o momento atual é de luta por uma maior representatividade nos cargos de liderança.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De maneira geral, os cinco artigos citados neste trabalho, retratam com clareza como são as dificuldades e desafios que as mulheres enfrentam quando tentam seguir carreira no meio futebolístico.

Também identifiquei que as questões de gênero foram as que mais estiveram presentes. Isso reflete a necessidade do debate sobre gênero para reverter esse espaço do futebol constituído de cenários marcados por preconceitos e desafios.

No entanto, ao final deste estudo, ao analisar todas essas publicações a respeito do futebol feminino na Revista Movimento nos últimos dez anos, considerei que cinco artigos é um número pequeno, e, portanto, escasso. Diria que há necessidade de identificar se no processo de formação acadêmica, os cursos de educação física vêm e têm abordado essa temática como conteúdo dos diversos componentes curriculares, independente das matrizes teóricas que se fundamentam. Em efeito, tal propositura deixamos como hipótese para futuros estudos seja na abordagem socioantropológica, filosófica, fisiológica, etc.

Logo, a meu ver, ainda há a necessidade de realização e publicação de mais estudos nessa área, para que se possa compreender melhor como o conhecimento sobre essa temática vem se estruturando até o atual momento e, conseqüentemente, até auxiliar em como poderia ser explorado por estudos futuros.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### *Artigos discutidos:*

BARREIRA, Júlia; GONÇALVES, M. C. Rodrigues; MEDEIROS, D. C. Carqueijeiro; GALATTI, L. Rafaela. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da Educação Física. **Revista Movimento**. 2018; 24:607-618

OLIVEIRA, M. T. Oliveira; CAPRARO, A. Mendes; SILVA, M. Moraes. Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. **Revista Movimento**. 2017; 23:883-894.

PASSERO. J. Gravena; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, A. José; GALATTI, L. Rafaela. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Revista Movimento**. 2020; 26:1-18

SALVINI, Leila & MARCHI JR. Wanderley. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980 – 1990. **Revista Movimento**. 2013; 19:95-115

TEIXEIRA FLS, CAMINHA IO. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Revista Movimento**. 2013; 19:265-87

### *Outros artigos utilizados:*

BOSCHILIA, B.; MEURER, S. S. Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa. **Revista Digital EFDesportos.com**, Buenos Aires, ano 11, nº 97, jun-2006. <http://www.efdeportes.com/efd97/mulher.htm>. Acessado em: 26/08/2009

BOURDIEU, P. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar**, 1997.

CALABRESI, CARLOS A. M. Com que corpo eu vou? A beleza e a performance na construção do corpo midiático. Dissertação de mestrado. **Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista**. Área em Ciências da Motricidade. 2004, 185 pps.

ELSEY, B. NADEL, J. Futbolera: a history of women and sports in Latin America. Ed. **University of Texas Press**, (2019).

GOELLNER, Silvana. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. **Revista Movimento**, v.6, n. 13, p. 61-70, 2000.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005b.

JACÓ, Juliana Fagundes; ALTMANN, Helena. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física. **Educação em Foco**, v. 22, p. 1-26, 2017.

LE BRETON, David. A sociologia do corpo. 2. ed. Petrópolis: **Vozes**, 2006.

LOURO, G. Nas redes dos conceitos de gênero. In: LOPES, M.G.; MEYER, D.; WALDOW, V (Orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.12-9.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V. As mulheres e o país do futebol: inserções de gênero, classe e raça no Brasil. **Revista Movimento**. v. 27, p.1-18, 2021.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.8. n.2/200, p.9-41, 2000.

RIGO, L. C; GUIDOTTI, Flávia Garcia G, THEIL, Larissa Zanetti, AMARAL, Marcela. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 29, n. 3, 2008.

SALVINI, Leila & MARCHI JR. Wanderley. Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, (São Paulo), Abr-Jun; 30 p. 303-11, 2016.

SILVA, G. C. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. 144f. Dissertação de mestrado - **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2015.

SOUZA JSS, KNIJNIK JD. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**. 2007; 21:35-48.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016.

*Pesquisa em sítios da webnet:*

*As cartolas: como as mulheres dirigentes têm transformado o futebol.* 2019. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/esportes/futebol/as-cartolas-como-as-mulheres-dirigentes-tem-transformado-o-futebol>>.

Acesso em: 20 dez. 2020.

*RELAÇÃO DE ÁRBITROS.* 2020. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/arbitragem/relacao-arbitros>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

*RUMO AO MUNDIAL DE CLUBES, ÁRBITRA BRASILEIRA PEDE: “NÃO TEMOS DE SER TRATADAS POR GÊNERO”*. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2021/01/rumo-ao-mundial-de-clubes-arbitra-brasileira-pede-nao-temos-de-ser-tratadas-por-genero-ckjtw5io4001601iiv3xk2c29.html>. Acesso em: 12 jan. 2021.

*ÚNICA ÁRBITRA DO BRASILEIRÃO: ‘CONQUISTEI RESPEITO COM ATITUDES EM CAMPO*. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/debora-miranda/2020/11/01/unica-arbitra-do-brasileirao-conquistei-respeito-com-atitudes-em-campo.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2020.